



Cinema, Educação e Ambiente

Leandro Belinaso Guimarães
Lucia Estevinho Guido
Giovana Scareli
Organizadores

EDUFU

REITOR
Elmiro Santos Resende

VICE-REITOR
Eduardo Nunes Guimarães

DIRETORA DA EDUFU
Joana Luiza Muylaert de Araújo

CONSELHO EDITORIAL

CONSELHEIROS

Adriana Pastorello Buim Arena
Alessandro Alves Santana
Benvinda Rosalina dos Santos
Cibele Crispim
Daniel Mesquita

Francisco José Torres de Aquino
Lília Gonçalves Neves
Luiz Carlos de Laurentiz
Luiz Fernando Moreira Izidoro
Sílvio Carlos Rodrigues

EDUFU

Editora da Universidade Federal de Uberlândia
Av. João Naves de Ávila, 2121 - Campus Santa Mônica - Bloco 1S - Térreo
Cep 38408-100 - Uberlândia - Minas Gerais
Tel: (34) 3239-4293
www.edufu.ufu.br

Cine

individuais. Mas a população absorve esse biopoder como função vital – é a produção e a reprodução da própria vida inerente ao capitalismo dos fluxos.

O cinema, como qualquer outra mídia, faz ver e falar, produzindo efeitos que engendram determinadas posições de sujeito. Ao mostrar, a mídia disciplina pela maneira de mostrar; por outro lado, também controla pelo próprio mostrar (Gomes, 2003). É por isso que a ampliação da recepção na era das redes também intensificou a padronização dos estilos de vida – a pluralidade é aceita, mas dentro de determinados limites: “Na cultura de massa essa reverência ao diferente é a obediência e, ao mesmo tempo, produção de um novo dogma: a produção de diferenças que não façam diferença alguma” (Hara, 2007, p. 5).

Tendo em vista a união de dois discursos tão contraditórios como o do sujeito ecológico e o do sujeito consumidor, colocamos sob suspeita algumas palavras de ordem veiculadas pela mídia. Afinal, como ensina Deleuze (2006, p. 217), “Talvez a fala, a comunicação, estejam apodrecidas. Estão inteiramente penetradas pelo dinheiro: não por acidente, mas por natureza. É preciso um desvio da fala. Criar foi sempre coisa distinta de comunicar”. Na busca pelo desembaraçamento dos fios que compõem os discursos nos quais nos achamos imersos, Foucault (2010) indica a *parresía* como um caminho para exercício da verdade de si.

A verdade é inventada, certamente, mas deve ser exercida pelo parresiasta em sua própria vida. Ele efetivamente pensa o que diz e assume todos os riscos em nome dessa verdade. A *parresía* tem entre suas principais funções a limitação do poder dos governantes e a prática de si como resultado do discurso verdadeiro. É assim que a clivagem entre retórica e filosofia torna-se evidente: o parresiasta é em sua própria vida o agente da verdade.

Em sua relação com a política, o dizer-a-verdade do parresiasta não envolve palavras de ordem porque ele não diz o que o poder deve fazer. Por outro lado, o discurso verdadeiro precisa ligar-se à ação política: “A questão da filosofia não é a questão da política, é a questão do sujeito na política” (Foucault, 2010, p. 290).

Na busca pela reinvenção de si, é necessário desembaraçar os fios que engendram modos de vida. O entendimento do que estamos nos tornando passa por uma arqueologia das verdades que habitam nossos discursos. Assim, voltamos às perguntas norteadoras deste trabalho: quais são as principais ferramentas usadas pelos filmes analisados na construção

de um sujeito preocupado com as questões ambientais? E quais são os efeitos desse discurso?

Devastação ambiental:
medos contemporâneos no cinema de animação

Em tempos líquidos parece que os medos e pavores da vida urbana vêm tomando força e se constituindo cada vez mais rápido. Um desses medos parece ser aquele que envolve as questões planetárias da continuidade da vida humana na Terra. Diante de tanta devastação ambiental, aquecimento global, toneladas de lixo produzidos por nós a cada dia, e tantos outros exemplos que poderíamos citar, percebemos que a preocupação com o meio ambiente tornou-se questão central neste tempo que vivemos. Nesse sentido, não é à toa que vemos eclodir essa preocupação nas escolas, em organizações não-governamentais, nas redes de supermercados, nos bancos e, com toda potência, na mídia de forma geral. Para colocarmos em evidência essa discussão selecionamos dois filmes de animação que anunciam aos seus espectadores o que poderá ocorrer em nosso planeta, caso não tenhamos cautela com os recursos naturais e com a forma de vida que vimos experimentando junto à natureza.

Gostaríamos de apresentar, minimamente, a trama de cada um dos filmes para que os leitores pudessem acompanhar as problematizações e provocações que pretendemos tecer na continuidade deste artigo. No primeiro filme, a Terra já foi exterminada, devido à má utilização dos recursos naturais; no segundo, os humanos lutam para salvar nosso planeta e poderemos voltar a viver aqui.

Batalha por T.E.R.A (2007) trata de uma batalha entre os nativos de T.E.R.A e os últimos humanos habitantes da Terra. Nessa guerra, os humanos lutam por permanecer em seu planeta e protegê-lo da invasão humana. Os humanos buscam um local em que possam viver, já que esgotaram seus recursos e a quantidade de ar que ainda existe para sua sobrevivência está por acabar, sendo necessário conquistar um novo território. Assim, planejam transformar o ar terano, tornando este planeta habitável para os humanos. Inicia-se uma grande batalha na qual o projeto *Terra Formação* visa a ocupação de T.E.R.A pelos humanos, tornando-a sua casa. Porém, durante algumas invasões, para reconhecimento do local, um dos tenentes conhece Maia – uma jovem que vive no pacífico planeta T.E.R.A – e os dois iniciam uma grande amizade. Esta coloca o projeto *Terra Formação*

em ameaça, fazendo com que os humanos iniciem logo uma guerra contra os nativos de T.E.R.A., na busca pela sobrevivência de ambas as partes. Esta guerra busca a sobrevivência de ambas as partes.

O segundo filme selecionado por nós chama-se *Wall.e* (2008). Na trama, o mundo foi soterrado pelo lixo produzido e gerado pelo consumo exacerbado da humanidade. Sem alternativas, a empresa BNL, a única empresa do mundo, cria uma estação no espaço denominada de Axiom, na qual os humanos poderiam viver por um período de cinco anos, enquanto a limpeza da Terra fosse realizada e o mundo se tornasse novamente habitável. Máquinas identificadas como Wall.e (Levantadores de Carga para Alocação de Lixo – Classe “Terra”) não suportaram as condições precárias em que se encontrava o planeta Terra e acabaram deixando de funcionar. Apenas um único exemplar de Wall.e permaneceu e continuou funcionando. Durante 700 anos ele trabalha sozinho, cumprindo a tarefa que foi programado para fazer. Num dia como tantos outros, chega dos céus uma nave e Wall.e recebe a visita de EVA (Examinadora de Vegetação Alienígena), uma nova espécie de robô, enviada ao planeta para cumprir uma rápida missão de procurar exemplares de vegetais vivos, o que significaria que a vida se tornou sustentável novamente. A felicidade da personagem, porém, dura pouco e, quando EVA é chamada de volta à estação espacial Axiom, Wall.e agarra a nave que a transporta para segui-la. A planta, quando colocada no *holo-detector*, faz a nave localizar e ir para a Terra. Mas os bots Auto, comissários da Axion, negam o procedimento de retorno à Terra devido a uma diretriz recebida há quase 700 anos antes, enviada pelo presidente da BNL. Com esse enredo inicia-se uma aventura de retorno à Terra.

O problema ambiental que se apresenta nos dois filmes selecionados não é exclusivo de nosso país, mas é algo que vem tomando força e constituindo um sério problema mundial em suas esferas social, política, econômica e, evidentemente, ecológica. “A ‘sociedade’ é cada vez mais vista e tratada como uma ‘rede’” (Bauman, 2007, p.9) (Destaques do original), ou seja, não é apenas nós, brasileiros, que estamos preocupados com as questões ambientais que se apresentam em nosso planeta. Essa é uma questão mundial que atravessa a todos. O emblema, tantas vezes visto por nós na mídia, se apresenta como um chamamento global e uma exigência para continuidade da vida na Terra: *Todos pelo Planeta!* Estão aí os movimentos como a reunião de Copenhagen a respeito do aquecimento global em 2009, a *Earth Hour* (a Hora do Planeta) um ato

simbólico que evidencia a preocupação com o aquecimento do planeta e já teve três edições em nosso país. Poderíamos citar outros tantos exemplos para entendermos como o problema ambiental atravessa a cada um de nós e nos faz tomar ações na busca pela constituição de um sujeito ambiental, preocupado com o meio ambiente e a qualidade de vida na Terra.

Pois bem, o que os filmes de animação nos mostram, em meio às suas fantasias e imaginações infantis, é que em alguns anos podemos estar experimentando a vida de outras formas e em outros locais devido às nossas ações atuais com a natureza e o planeta Terra. Nesse sentido, a potência dos enunciados que se apresentam nos filmes não está na veracidade ou não desses fatos, mas nos efeitos que o discurso da devastação ambiental produz, fazendo com nossas atitudes sejam revistas e redefinidas a favor do planeta. “o principal não é o medo do perigo, mas aquilo no qual esse medo pode se desdobrar, o que ele se torna” (Bauman, 2007, p. 15). A mídia vem nos interpelando a cada momento, nos convidando a participar dessa grande campanha mundial para *Salvar o Planeta* e assim vamos nos responsabilizando por nossas atitudes individuais e coletivas.

Para o bem ou para o mal, os discursos da Educação Ambiental reverberam cotidianamente na mídia e em outros espaços em que a vida se coloca como questão central para continuidade do futuro do planeta. Com isso, a Educação Ambiental toma força e vem se constituindo num campo de visibilidades diante da preocupante devastação do meio ambiente. Nesse sentido, os discursos midiáticos vão fabricando *modos ecológicos de vida*, ou seja, vão nos persuadindo a jogar o jogo da preservação do planeta e da espécie humana. O que queremos colocar em evidência são os discursos de periculosidade e medo que muitas vezes a mídia ajuda a propagar, fazendo-nos crer que, caso não mudemos nossas atitudes com o meio ambiente, dificilmente teremos este mundo para viver ou pelo menos para viver dignamente...

Assim, a mídia coloca para circular tais discursos de diferentes formas, seja em propagandas publicitárias, em reportagens impressas, em programas de TV e em outros tantos artefatos. Com uma cinematografia colorida, atrativa, divertida e interessante somos convidados para participar da grande campanha mundial, pois *o futuro depende de nós*. Com chamadas persuasivas se torna difícil resistirmos e não participarmos da ordem do discurso de crise ambiental tão em voga na contemporaneidade. Afinal, é a vida que está em perigo!

Dá para parar!
Ei, pilotos automáticos!
Tenho más notícias, a operação limpeza falhou.
Aparentemente os crescentes níveis de tóxicos deixaram a Terra inabitável.
Droga, teremos que cancelar a operação Recolonização.
Então mantenham a rota, ao invés de consertar esse problema, é mais fácil que todos permaneçam no espaço.
Vou cancelar a diretriz A113.
Controlem a nave, assumam o controle de tudo e não voltem para Terra.
Repito, não voltem para a Terra (*Wall.e*). (Destques nossos).

Com discursos como estes somos interpelados, e a sensação que se instala é a de que não há escapatória, pois somos nós que destruímos o planeta e acabamos com os recursos naturais. Vimos aqui uma visão reducionista de meio ambiente se propagar, entendendo a divisão entre o homem e a natureza. Assim, através do apelo apocalíptico vamos nos constituindo como sujeitos que precisam preservar o meio em que vivem, respeitar os recursos naturais e as leis da “natureza”, pois, caso contrário, acertaremos as contas no futuro.

Wall.e traz em sua narrativa a importância da preservação da espécie humana no que diz respeito à esfera ecológica. Interpela-nos a compreender que a sobrevivência de todas as espécies vivas da Terra não é de responsabilidade de um único sujeito, mas de responsabilidade da própria espécie humana. Certamente a crise ambiental é algo instalado em nossas vidas. No entanto, a forma como a mídia muitas vezes vem nos apresentando leva a essa sensação de medo, com seus enunciados apocalípticos do fim de mundo. Pensamos então: até que ponto os veículos de comunicação vêm nos ajudando a pensar ecologicamente sem fazer uso/apelo ao medo, à insegurança e à incerteza da vida humana? Talvez Bauman nos ajude a pensar como vivemos o medo na atualidade líquida moderna que estamos experimentando:

O que mais amedronta é a ubiquidade dos medos; eles podem vazar de qualquer canto ou fresta de nossos lares e de nosso planeta. Das ruas escuras ou das telas luminosas dos televisores. De nossos quartos e de nossas cozinhas. De nossos locais de trabalho e do metrô que tomamos para ir e voltar. De pessoas que encontramos e de pessoas que não conseguimos perceber. De algo que ingerimos e de algo com o qual nossos corpos entraram

em contato. Do que chamamos “natureza” (pronta, como dificilmente antes em nossa memória, a devastar nossos lares e empregos e ameaçando destruir nossos corpos com a proliferação de terremotos, inundações, furacões, deslizamentos, secas e ondas de calor) ou de outras pessoas (prontas, como dificilmente antes em nossa memória, a devastar nossos lares e empregos e ameaçando destruir nossos corpos com a súbita abundância de atrocidades terroristas, crimes violentos, agressões sexuais, comida envenenada, água ou ar poluídos) (2008, p. 11). (Destaques do original).

O autor nos provoca a pensar o quanto o medo está cada vez mais esparramado em nossa sociedade e o quão complexo é conseguirmos estancá-lo, detê-lo, barrá-lo, pois ele é escorregadio, vem de diferentes locais, toma uma proporção avassaladora em nossas vidas, a ponto de cada vez mais buscarmos por segurança, por espaços fechados, seguros, vigiados e protegidos de qualquer perigo. Cada vez mais buscamos uma vida tranquila e segura, mas será essa uma vida possível no mundo em que vivemos? E quanto aos perigos que não podemos prever, aqueles que nos ameaçam diariamente e que não sabemos como enfrenta-los? Como lidar com tantos medos?

Wall.e explora o sentimento de pertencimento ao planeta Terra e ao mesmo tempo o seu abandono. Enfatiza uma das maiores preocupações cotidianas: o lixo. O que fazer com ele? A sensação ao assistir tal desenho é de que se não for encontrada uma solução para as grandes quantidades de lixos produzidas pelo mundo, muito em breve estaremos soterrados por ele, tal como se evidencia na animação.

Lixo demais!

Terra coberta.

Presidente da BNL declara emergência global (*Wall.e*).

Tem muito lixo entulhado? Há muito espaço! Cruzeiros BNL partindo a toda hora, nós limpamos tudo enquanto você estiver fora! (*Wall.e*).

A animação traz, desde os primeiros minutos, imagens de pilhas de lixo. Podemos hoje pensá-lo como uma das grandes crises sociais e ambientais que estamos testemunhando. O “lixo é o principal e, comprovadamente, mais abundante produto da sociedade líquido-moderna de consumo” (Bauman, 2007a, p. 17). Nossa vida, marcada pelo

consumo, nos empurra cada vez mais para a descartabilidade das coisas. A abundância de lixo que produzimos cotidianamente já vem sendo fruto de amplas discussões e legislações.

A BNL, tendo como objetivo satisfazer e criar novos desejos nos humanos, se propõe, através da utilização das máquinas identificadas como Wall.e, limpar a Terra enquanto os humanos continuam satisfazendo suas necessidades, agora no espaço. Permanece a promessa de satisfazer os desejos, necessidades e vontades humanas. A animação os evidencia como consumidores satisfazendo suas vontades, muitas vezes, de forma compulsiva. A sociedade de consumo continua atuando onde quer que estejam os indivíduos, independentemente dos espaços ocupados por nós. O consumismo continua operando conjuntamente com a descartabilidade e, em consequência, pilhas de lixo não deixam de crescer.

Em um mundo repleto de consumidores e produtos, a vida flutua desconfortavelmente entre os prazeres do consumo e os horrores da pilha de lixo. A vida talvez seja sempre um “viver-para-a-morte”, mas, para os que vivem na líquida sociedade moderna, a perspectiva de “viver-para-o-depósito-de-lixo” pode ser preocupação mais imediata e consumidora de energia e trabalho (Bauman, 2007, p. 17-18). (Destques do original).

Na perspectiva da vida líquida denominada por Bauman (2007a), temos o desafio de enfrentar e resolver o problema imposto pelo lixo. Nessa nova consistência de nossa vida, todos os seres humanos são e sempre serão consumidores. A preocupação agora se volta para o advento desse acúmulo, já que nossa sociedade torna-se a do excesso e, portanto, a do lixo farto.

Na trama dessa animação vai se constituindo uma forma de ser sujeito em tempos líquidos: a produção de sujeito preocupado com questões ambientais e que deve pensar no futuro próximo. Que modos ecológicos de vida são colocados em operação e fabricados nesses artefatos midiáticos que constituem cada um dos espectadores?

Em *Wall.e* ainda existe a possibilidade de retorno ao planeta, porém em *Batalha por T.E.R.A* é necessário que os humanos busquem outro planeta para dar continuidade à sua espécie.

Lamento dizer, mas eles não tinham alternativa. Esse era o mundo deles, a Terra, um planeta abundante... Mas com limitações. Eventualmente,

os humanos esgotaram os recursos naturais do mundo deles. Dois planetas vizinhos, Marte e Vênus, foram transformados. Foram criadas colônias. Dois séculos depois, as colônias reclamaram independência. Significou guerra.

*Todos os três planetas foram destruídos. Tudo foi destruído. Os sobreviventes só tinham uma alternativa, viajar para além de seu sistema solar, para o planeta mais próximo que pudesse sustentar suas vidas. A viagem durou várias gerações e trouxe-os aqui. Chamaram esse planeta de T.E.R.A (*Batalha por T.E.R.A*). (Destaques nossos).*

Percebemos em passagens dos filmes como esta que os discursos de Educação Ambiental tendem a regular o cotidiano, sob a ambivalente política da prevenção e do medo. É necessário agir hoje, agora, para que tenhamos um mundo habitável no futuro. Entendemos que discursos como estes que propagam o medo referem-se muito mais a uma política da periculosidade do que a uma problematização acerca da crise ambiental que vivemos. É muito mais pelos discursos de medo do desconhecido, daquilo que não podemos conter, da nossa insegurança em relação às catástrofes ambientais que acabamos sendo capturados por tais enunciados. Afinal quando a questão refere-se à natureza se manifestando, todos estão em perigo, não há como escapar, a sensação de impotência toma conta de nossos corpos.

As oportunidades de ter medo estão entre as poucas coisas que não se encontram em falta nesta época, altamente carente em matéria de certeza, segurança e proteção. Os medos são muitos e variados. Pessoas de diferentes categorias sociais, etárias e de gênero são atormentadas por seus próprios medos; há também aqueles que todos nós compartilhamos – seja qual for a parte do planeta em que possamos ter nascido que que tenhamos escolhido (ou sido forçados a escolher) para viver (Bauman, 2008, p. 31).

Essas discussões nos levam a pensar na correnteza de Bauman (2008) e entender que a política do medo talvez não seja algo novo em nossas sociedades, mas o que talvez seja diferente é a forma como vem se colocando em nossas vidas. Se em outros tempos nossos medos eram no sentido da redenção, eram aqueles que tinham a possibilidade da cura – característica esta dos medos morais –, os medos líquidos de hoje não têm cura, tomam conta de nossas vidas de forma avassaladora. Eles atravessam-

nos sem que possamos contê-los, eliminá-los, mas acabamos num jogo tensionado com eles. O medo da crise ambiental, o medo da perda do planeta, o medo do fim da vida na Terra são alguns dos muitos medos que atormentam nosso cotidiano na atualidade. O mais aterrorizante deles seja talvez que não temos certezas de como lidar com isso, de como mudar seu percurso e evitar o próximo terremoto ou o próximo furacão ou as próximas inundações de água. Afinal como conter a “fúria da natureza”? “O medo é reconhecidamente o mais sinistro dos demônios que se aninham nas sociedades abertas de nossa época. Mas é a insegurança do presente e a incerteza do futuro que produzem e alimentam o medo mais apavorante e menos tolerável” (Bauman, 2007, p. 32).

Enunciados dos filmes sob análise vão “educando” para o controle minucioso da ação individual pela “autoconsciência” e, dessa forma, tendem a regular o cotidiano através dos medos e pavores da vida líquida moderna. O campo de efetivação desse dispositivo intervém sobre a coletividade valendo-se do espírito da época: o compromisso com a suposta “liberdade” de vontade e de estilo de “cada um”. Não se trata apenas do engajamento racional ou militante, e sim do engajamento individual sustentado pela aura de periculosidade e risco que a mídia ajuda a propagar.

A preocupação com a questão ambiental e o medo pelo fim da vida na Terra são ditos que tomam conta das vidas das pessoas de formas diferentes, seja através dos filmes de animação, das campanhas publicitárias, de reportagens em importantes veículos de programação, em programas infantis, etc. Por onde andamos e olhamos há uma chamada, seja em espaços abertos (grandes outdoors nas ruas, estradas) ou em espaços fechados (supermercados, lojas, museus, etc.) há um convite para que façamos a nossa parte. Porém este está recorrentemente articulado à possibilidade iminente de uma hecatombe ecológica.

Assim, parece que na atualidade líquida moderna na qual vivemos se torna cada vez mais urgente ter atitudes ecologicamente corretas, pois, através de enunciados apocalípticos que se reverberam em diferentes espaços, as pessoas vão sendo culpabilizadas e se culpabilizando pelos grandes problemas ambientais, entendendo que têm o compromisso de dirigir ao máximo seus esforços para tentar minimizar o quadro calamitoso que se instala. Tais atitudes vão além de fechar a torneira, reciclar o lixo e plantar uma árvore. É preciso mais do que isso! E nesse sentido a mídia vem constituindo novas formas de se tornar um sujeito preocupado com as questões ambientais, pois é preciso apostar na compra de produtos que

colaborem com essa grande campanha mundial para que a vida na Terra não se esgote. Para tanto, estão aí as *ecobags*, *ecoclothes*, *ecohouses*, móveis *ecowood* e tantos outros produtos para serem consumidos em nome do medo instalado em nossas vidas através dos discursos de crise ambiental.

Para Bauman,

O medo nos estimula a assumir uma ação defensiva, e isso confere proximidade, tangibilidade e credibilidade às ameaças genuínas ou supostas, de que ele genuinamente emana. É nossa reação à ansiedade que reclassifica a premonição sombria como realidade cotidiana, dando ao espectro um corpo de carne e osso. O medo se enraíza em nossos motivos e propósitos, se estabelece em nossas ações e satura nossas rotinas diárias [...] Entre os mecanismos que afirmam seguir o sonho do moto-perpétuo, a auto-reprodução de enredo do medo e das ações por ele inspiradas parecem ter um lugar de honra... (2008, p. 173).

Assim, o medo vai tomando conta e se intensificando cada vez mais em nosso cotidiano. Precisamos agir para que ele desapareça, mas como o próprio Bauman (2008) coloca, ele já faz parte da vida moderna, ele vai se modificando e se esparramando. É impossível detê-lo. Seria possível escaparmos do medo e do terror quanto no que diz respeito ao fim de nossa existência? E quanto ao futuro? Como lidar com o medo em relação ao futuro, o medo do que poderá acontecer?

Os filmes colocam em evidência uma preocupação com o futuro. Mostram os riscos, as crises e os perigos que podem vir a afetar a população. A mensagem parece ser: é necessário prevenir, intervindo hoje! Precisamos prever o que poderá acontecer e, assim, planejar estratégias voltadas a favor da sociedade. As condutas individuais devem ser minuciosamente reguladas por cada "consciência" em favor da preservação da espécie humana. "Nós não teremos futuro se repetirmos os erros do passado" (*A Batalha por T.E.R.A.*). Estaria aí a produtividade dos discursos ambientais contemporâneos tão em voga no campo das mídias?

Considerações finais

Olhar os filmes de animação *Batalha por T.E.R.A* e *Wall.e* nos coloca a pensar nos discursos produzidos acerca da natureza, do meio ambiente e das ações humanas. Talvez valesse pôr em evidência a produção discursiva



Editora da Universidade Federal de Uberlândia

Copyright © Edufu - Editora da Universidade Federal de Uberlândia/MG
Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução parcial ou total sem permissão da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU - MG, Brasil

C574e Cinema, educação e ambiente / Leandro Belinaso Guimarães, Lucia Estevinho Guido, Giovana Scareli, Organizadores. – Uberlândia : EDUFU, 2013.

180 p.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-7078-322-6

1. Educação ambiental. 2. Cinema e educação. I. Guimarães, Leandro Belinaso. II. Guido, Lucia Estevinho. III. Scareli, Giovana.

CDU: 37:504

Equipe de realização

Editora de publicações	Maria Amália Rocha
Revisão	Camilla Cássia da Silva
Revisão ABNT	Mariana Caroline Santos de Oliveira
Projeto gráfico e editoração	Ivan da Silva Lima
Capa	Layanne Amarães Martins

- 7 Encontros entre...
Leandro Belinaso Guimarães, Lucia Estevinho Guido, Giovana Scareli
- Seção 1 – Cinema e educação
- 13 Seleção, soma e...
no trabalho com...
Fabiana de Amorim
- 23 Cinema e memórias...
do cinema que...
Monica Fantin
- 41 Educação como...
Ana Maria Hoer...
Guilherme Carlos...
- 53 A entrevista nos...
Giovana Scareli
Jessica Gonçalves...
- 73 Educação e cinema...
Fátima Maria Nene
- Seção 2 – Cinema e educação
- 103 *Os Simpsons - O Filme*
Carolinne dos Santos...
Lucia Estevinho Guido
- 119 A representação de...
Jean Fábio Cerqueira...
Sonia Aguiar
- 137 Educação ambiental...
Paula Corrêa Hennig
Clarissa Corrêa Hennig
Bárbara Hees Garci
- 155 *Narradores de Jaré e...*
propulsões para...
Marco Antonio Leon...
- 167 O uso do filme na...
da cidadania no...
Maria Inês Oliveira...
Aneide Oliveira Araujo
Maria da Conceição...

colaborem com essa grande campanha mundial para que a vida na Terra não se esgote. Para tanto, estão aí as *ecobags*, *ecoclothes*, *ecohouses*, móveis *ecowood* e tantos outros produtos para serem consumidos em nome do medo instalado em nossas vidas através dos discursos de crise ambiental.

Para Bauman,

O medo nos estimula a assumir uma ação defensiva, e isso confere proximidade, tangibilidade e credibilidade às ameaças genuínas ou supostas, de que ele genuinamente emana. É nossa reação à ansiedade que reclassifica a premonição sombria como realidade cotidiana, dando ao espectro um corpo de carne e osso. O medo se enraíza em nossos motivos e propósitos, se estabelece em nossas ações e satura nossas rotinas diárias [...] Entre os mecanismos que afirmam seguir o sonho do moto-perpétuo, a auto-reprodução de enredo do medo e das ações por ele inspiradas parecem ter um lugar de honra... (2008, p. 173).

Assim, o medo vai tomando conta e se intensificando cada vez mais em nosso cotidiano. Precisamos agir para que ele desapareça, mas como o próprio Bauman (2008) coloca, ele já faz parte da vida moderna, ele vai se modificando e se esparramando. É impossível detê-lo. Seria possível escaparmos do medo e do terror quanto no que diz respeito ao fim de nossa existência? E quanto ao futuro? Como lidar com o medo em relação ao futuro, o medo do que poderá acontecer?

Os filmes colocam em evidência uma preocupação com o futuro. Mostram os riscos, as crises e os perigos que podem vir a afetar a população. A mensagem parece ser: é necessário prevenir, intervindo hoje! Precisamos prever o que poderá acontecer e, assim, planejar estratégias voltadas a favor da sociedade. As condutas individuais devem ser minuciosamente reguladas por cada "consciência" em favor da preservação da espécie humana. "Nós não teremos futuro se repetirmos os erros do passado" (*A Batalha por T.E.R.A.*). Estaria aí a produtividade dos discursos ambientais contemporâneos tão em voga no campo das mídias?

Considerações finais

Olhar os filmes de animação *Batalha por T.E.R.A* e *Wall.e* nos coloca a pensar nos discursos produzidos acerca da natureza, do meio ambiente e das ações humanas. Talvez valesse pôr em evidência a produção discursiva

acerca da constituição de um novo sujeito pouco problematizado e pensado antes da década de 1990, um sujeito ambiental atravessado pelos medos e pavores da vida moderna.

Com isso não estamos dizendo que não devemos nos preocupar com nossas ações cotidianas a favor e em defesa do meio ambiente. De modo algum. O que colocamos em discussão são enunciados marcados pela periculosidade, fazendo os medos tomarem conta de qualquer ação a favor do planeta. Talvez valesse problematizar como e se nos entendemos pertencentes ao meio ambiente? O que nos move para tomar atitudes preocupadas com a sustentabilidade da Terra e de nossa vida cotidiana? Muito mais do que preocupações com o futuro talvez valesse pensar no presente e em nossas diferentes formas de experimentá-lo hoje, em tempos líquidos.

A provocação de Nietzsche (2003) parece necessária para cada um de nós: como nos tornamos aquilo que somos? Para nós não há dúvida que nos tornamos aquilo que somos também pelos atravessamentos midiáticos que nos produzem. Nesse sentido, o exercício da *parresía* pode ser um caminho para desembaraçar os fios que separam o indivíduo dele mesmo. É uma tarefa desafiadora e extremamente perigosa, sem dúvida, porque a veridicção é a função permanente de um discurso que se experimenta a todo momento. É uma *prática* de si em que a verdade é resultado de um *jogo*, no qual toda a ontologia deve ser analisada e assumida como *invenção*. Ser sujeito na modernidade – e especialmente em tempos líquidos – talvez possa ser um sujeito que coloca em operação uma nova maneira de experimentar as relações com a natureza e o meio ambiente. A maneira e o porquê de criar outras formas de experimentar a natureza depende de cada um de nós. Foi sobre esse prisma que nosso texto foi escrito: que experimentações junto à natureza estamos constituindo em tempos líquidos? Que cada um coloque em evidência a pergunta nietzscheana e questione-se ao assistir filmes como os aqui colocados sob análise.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001.
- _____. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- _____. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007a.
- _____. *Medo Líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

- CASTELLS, Manuel. A Era da Informação: economia, sociedade e cultura. *A Sociedade em Rede*, v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- D'AMARAL, Márcio Tavares. Sobre Tempo: considerações intempestivas. In: DOCTORS, Marcio (Org). *Tempo dos Tempos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2006.
- _____. *O Ato de Criação*. Disponível em: <http://www.dossie_deleuze.blogspot.com.br/>. Acesso em: 20 nov. 2011.
- FOUCAULT, Michel. *O governo de si e dos outros*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- _____. *Segurança, Território e População*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GOMES, Mayra. *Poder no Jornalismo*. São Paulo: Edusp, 2003.
- HARA, Tony. Sociedade da Comunicação: controle e captura da singularidade. In: *Revista Aulas*, São Paulo, n. 3, dez. 2006; mar. 2007.
- HARDT, Michel; NEGRI, Antonio. *Multidão*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- _____. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- LAZZARATO, Maurizio. *As Revoluções do Capitalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo: de como a gente se torna o que a gente é*. Porto Alegre: L&PM, 2003.
- SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.
- VIEIRA JÚNIOR, Erly. Algumas considerações sobre cinema e tempo nas periferias do capitalismo flexível. *Revista Ciberlegenda*, n. 19, out. 2007. Disponível em: <<http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/177>>. Acesso em: 20 nov. 2011.

Referências

ARAUJO, Maria Inêz Oliveira. *Dimensão ambiental nos currículos de formação de professores*. 208 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

ARAUJO, M. I. Oliveira; RAMOS, M. C. Pereira. A educação ambiental e seu papel na formação da cidadania. In: ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE, 20, 2011, Manaus. *Anais...* Manaus: 2011, p. 1-13.

BATISTA, M. S. Silva; RAMOS, M. C. Pereira. Desafios da educação ambiental no ensino superior – das políticas às práticas no Brasil e em Portugal. In: POLÍTICAS PÚBLICAS E GESTÃO DA EDUCAÇÃO; XXV SIMPÓSIO BRASILEIRO DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO; II CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 2011, São Paulo. Associação Nacional de Política e Administração da Educação (Anpae). Disponível em: <www.anpae.org.br/simposio2011>. Acesso em: 28 nov. 2011.

CASTELLI, Rosana Elisa. *Cinema e Educação em John Grierson*. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/geral/educacao_foco/cinema%20e%20educacao.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2011.

FREIRE, P. *Conscientização: teoria e prática de libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. Tradução de Kátia de Mello e Silva. 3. ed. São Paulo: Moraes. 1980.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Tradução de Moacir Gadotti e Lílían Lopes Martin. 21. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GADOTTI, M. *Perspectivas atuais da educação*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 2000.

GADOTTI, M. *Ecopedagogia e educação para a sustentabilidade*. São Paulo: Instituto Paulo Freire; Universidade de São Paulo, 1998.

GUTIÉRREZ PÉREZ, J. Investigación evaluativa y mejora de programas de educación ambiental. In: GUTIÉRREZ, J.; PERALES, J.; BENAYAS, J. Y CALVO, S. E. *Líneas de investigación en educación ambiental*. Granada: Junta de Andalucía, Universidad de Granada, 1997, p. 50-62.

JANTSCH, A. P.; BIANCHETTI, L. Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito. 6. ed. In: JANTSCH, A. P.; BIANCHETTI, L. (Orgs.). *Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito*. Petrópolis: Vozes, 1995.

JAPIASSÚ, H. *Interdisciplinaridade e Patologia do Saber*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1979.

KLEYMANN, B., TAPIE, P.; CORNUEL, E. Corporate Responsibility and the Business School Agenda. In: RASCHE, A.; KELL, G. (Eds.). *The United Nations Global Compact: Achievements, Trends and Challenges*. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2009, p. 161-181.

LINHARES, R. Nunes. *Gestão em comunicação e educação: o audiovisual no espaço escolar*. Maceió: Ed. Ufal, 2007.

MACHADO, G. J.; SOBRAL, M. N. (Orgs). *Conexões: Educação, Comunicação, Inclusão e Interculturalidade*. Porto Alegre: Redes Editora, 2009.

RAMOS, Maria da Conceição Pereira. Questions de l'environnement et contemporanéité. *Contemporanea - Revista de Comunicação e Cultura*. v. 7, n. 1, jun. 2009, p. 1-24. Disponível em: <<http://www.portalsecr.ufba.br/index.php/contemporancaposcom/article/view/3601/2669>>. Acesso em: 29 nov. 2011.

RAMOS, Maria da Conceição Pereira. Training, employment and new competences for a sustainable development. *Review of International Comparative Management*, v. 2, n. 9, 2008, p. 15-32.

RAMOS, Maria da Conceição Pereira (Org.). Desenvolvimento de oportunidades de formação e de emprego no sector. In: ACTAS DO ENCONTRO NACIONAL RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS. Associação Portuguesa de Empresas de Tecnologias Ambientais (APEMETA), Lisboa, APEMETA, 20-21 jun. 1996.

RAMOS, Maria da Conceição Pereira (Org.). Promoção dos recursos humanos no ambiente. In: ACTAS DO SEMINÁRIO O EMPREGO, AS RELAÇÕES INDUSTRIAIS E O AMBIENTE. Associação Portuguesa de Empresas de Tecnologias Ambientais (APEMETA), Lisboa, 6 jul. 1995.

RAMOS, Natália. Educar e formar na sociedade multi/intercultural – Contributos para a comunicação intercultural e cidadania. In: MACHADO G., SOBRAL N. (Org.). *Conexões: Educação, Comunicação, Inclusão e Interculturalidade*. Porto Alegre: Redes Editora, 2009, p. 15-37.

RAMOS, N.; SERAFIM, J. Cinema e mise en scène: Histórico, método e perspectivas de pesquisa intercultural. *Revista de Artes Cénicas: Reportório – Corpo e Cena*. Salvador, v. 12, n. 13, 2009.

RAMOS, Natália. Contribuição do método fílmico para o estudo das representações sociais: perspectivas teóricas e de pesquisa. *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais*. João Pessoa: Editora da UFPA, p. 365-400, 2005.

RAMOS, Natália. Perspectivas metodológicas em investigação: o contributo do método fílmico. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Coimbra, v. 37, n. 3, p. 35-62, 2003.

SÃO PAULO (Estado). Coordenadoria de Educação Ambiental. Educação ambiental e desenvolvimento: documentos oficiais/ Secretaria do Meio Ambiente, coordenadoria de Educação Ambiental. São Paulo: A Secretaria, 1994.

United Nations Global Compact. *Principles for responsible management education (PRME)*: A Global Initiative, a Global Agenda. United Nations Global Compact Office, 2008.

WCED. *Our common future*: World Commission on Environment and Development. Oxford: Oxford University Press (Brundtland Report), 1987.

A vontade de mostrar um pouco como o cinema tem sido pensado nas pesquisas com/em educação ambiental no país é uma das principais razões para essa publicação. O livro, em seu conjunto, argumenta que os produtos cinematográficos em trabalhos educativos podem ser mais do que meros instrumentos didáticos usados para ensinar certo conteúdo escolar ou, então, para motivar alunos. Ou seja, podem ser pensados em suas próprias linguagens e imagens, seus efeitos, suas montagens, suas estéticas. Podem, ainda, nos levar à indagação pelas nossas experiências com eles, as mediações que acionamos nas leituras que processamos, a proliferação de sensações e de pensamentos que nos tomam quando estamos diante da tela, vendo uma imagem em movimento. Esta coletânea movimenta esses diferentes modos de pensar a articulação do cinema com a educação e, em particular, com a educação ambiental. O cinema é visto neste livro como propulsor de ideias, como experimentações com vídeos e fotografias, como meio para compreender a sociedade. Enfim, ele é aqui entendido como uma ferramenta do pensamento.

Editora filiada à



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

ISBN 978-85-7078-322-6



9 788570 783226

Sumário

- 7 Encontros entre o cinema, a educação e o ambiente
Leandro Belinaso Guimarães
Lucia Estevinho Guido
Giovana Scareli
- Seção 1 – Cinema e educação
- 13 Seleção, soma e multiplicação: matemáticas do olhar
no trabalho com cinema e educação
Fabiana de Amorim Marcello
- 23 Cinema e memória: a experiência
do cinema que habita em nós
Monica Fantin
- 41 Educação como problema contemporâneo
Ana Maria Hoepers Preve
Guilherme Carlos Corrêa
- 53 A entrevista nos filmes *Santo Forte* e *Boca de Lixo*, de Eduardo Coutinho
Giovana Scareli
Jessica Gonçalves Andrade
- 73 Educação e cinema em *Desmundo*
Fátima Maria Neves
- Seção 2 – Cinema e educação ambiental
- 103 *Os Simpsons - O Filme*: questões ecológicas em foco
Carolinne dos Santos Braz
Lucia Estevinho Guido
- 119 A representação da natureza no longa-metragem *Rio*
Jean Fábio Cerqueira
Sonia Aguiar
- 137 Educação ambiental e cinema: produções discursivas em tempos líquidos
Paula Corrêa Henning
Clarissa Corrêa Henning
Bárbara Hees Garré
- 155 *Narradores de Javé* e *Nascidos em Bordéus*:
propulsões para debater educação ambiental
Marco Antonio Leandro Barzano
- 167 O uso do filme na perspectiva da construção
da cidadania no contexto do ensino superior
Maria Inês Oliveira Araujo
Aneide Oliveira Araujo
Maria da Conceição Pereira Ramos

Educação ambiental e cinema: produções discursivas em tempos líquidos¹

Paula Corrêa Henning²

Clarissa Corrêa Henning³

Bárbara Hees Garré⁴

Nas últimas décadas assistimos a um forte apelo midiático voltado para a questão da crise ambiental do planeta. A proliferação dos problemas ambientais que vivemos toma força e potência em nossas vidas cotidianas, conduzindo nossas ações mais corriqueiras. Diante disso, fomos provocadas à escrita deste texto. Pretendemos colocar luz num discurso tão caro ao campo da Educação Ambiental: a *salvação do planeta*. Este parece ser um chamamento cada vez mais forte a cada um de nós em tempos contemporâneos.

Para problematizarmos tal questão, tomamos dois extratos para análise. Ambos são filmes de animação da Walt Disney Pictures – Pixar Animation Studios –, amplamente divulgados e assistidos por crianças, jovens e adultos em diferentes países: *Batalha por T.E.R.A* (2007) e *Wall.e* (2008). Esses dois filmes colocam em discussão o futuro da espécie humana e as formas como vimos devastando o lugar onde vivemos: o planeta Terra. O primeiro evidencia a luta dos humanos por conquistarem um novo

¹ Pesquisa financiada pelo Programa Observatório da Educação da Capes.

² Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Professora da Universidade Federal do Rio Grande, Furg. Professora do PPG Educação Ambiental e do PPG Educação em Ciências da Furg.

³ Jornalista pela Universidade Feevale. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. Bolsista Capes.

⁴ Mestre em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande, Furg. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental da Furg. Bolsista Capes.

planeta, já que a Terra foi exterminada pelo uso indevido dos recursos naturais. O segundo apresenta a tentativa dos humanos salvarem nosso planeta, já que não é mais possível vivermos aqui, devido aos altos índices tóxicos de lixo produzidos por nós.

Para a escrita deste texto, tomamos o cinema como uma mídia potente que vem produzindo discursos e constituindo modos de vida. Aqui vale destacar o forte apelo midiático na constituição de um sujeito ambiental, preocupado com a vida humana no planeta Terra. Ao estudar alguns dos discursos da Educação Ambiental e suas implicações com a produção de sentido que eles acarretam, selecionamos aspectos que consideramos relevantes para essa empreitada. Ordenando e constituindo a realidade, a mídia fabrica modos de vida e, assim, ela seleciona *o que* deve ser dito e indica *a maneira* como deve ser dito.

Frente a isso, organizamos a escrita deste artigo em duas seções. A primeira pretende apresentar e adensar os estudos da mídia, mostrando o quanto somos constituídos e constituímos os discursos que reverberam em espaços midiáticos, aqui especialmente, no cinema. A segunda seção pretende discutir sobre os dois filmes tomados como extratos de análise para provocar-nos a pensar nos discursos de medo e perigo que vêm sendo colocados em evidência nos tempos líquidos (Bauman, 2001; 2007; 2007a; 2008) que nos atravessam.

Sobre mídia, cinema e jogos de verdade

A mídia é o lugar da comunicação, da informação e da visibilidade de uma certa hierarquia de importância. Ao invés de “lugar”, mais adequado seria falar da mídia como um “espaço de fluxo” (Castells, 2000), porque na era da modulação, as novas tecnologias possibilitam e estimulam a liberação do capital em relação ao tempo. “Espaço de fluxo” e “tempo intemporal” tomam o lugar daquilo que conhecemos como *espaço* e *tempo*. O eterno e o efêmero coexistem nessa cultura, em que o tempo experimenta uma fragmentação da linearidade, e territórios e identidades implodem por todos os lados.

Tendo o capitalismo flexível como parâmetro, o produtor-disciplinado abre espaço para o consumidor-controlado (Sibilia, 2002), este sendo a figura que substitui os velhos conceitos de “massa” e “indivíduo”. Na fluidez contemporânea, novas sensações e experiências são oferecidas a cada instante – a velocidade da tecnologia quebra a linearidade e faz com

que o futuro seja
vale ainda não ver
anúncio” (D’Amorim,

O jogo é em
presente e legítima
sociedade: “As nações
vezes mais detem
elas a substituem
2006, p. 162). Toda
relações de poder
verdades acarretam
mundo é eleita em

As palavras
devemos acreditar
um comportamento
sentido, Deleuze en
e que

Um controle
pessoas, mas, a
digo que esse
trafegar até o
perfeitamente

O cinema ap
XX, junto com o
comunicacionais e
um processo de
supervalorização
Júnior, 2007). Por
presente experiment
sucedam uma à
sociedade atravessa
de um consumo vol
a curtíssimo praz
de palavras de ord
modos de vida e
e de verdade.

que o futuro seja a fonte de maior desejo e cobiça: “O que verdadeiramente vale ainda não veio, mas já está chegando. O que vale está sempre em anúncio” (D’amaral, 2003, p. 20).

O jogo é entre o virtual e o real, em que o futuro se antecipa ao presente e legitima uma certa concepção do que realmente importa nessa sociedade: “As noções de importância, de necessidade, de interesse são mil vezes mais determinantes que a noção de verdade. De modo algum porque elas a substituem, mas porque medem a verdade do que digo” (Deleuze, 2006, p. 162). Toda verdade é uma verdade inventada, é resultado de relações de poder. Assim, o que interessa analisar são os efeitos que essas verdades acarretam e os motivos pelos quais uma determinada visada de mundo é eleita em detrimento de outra.

As palavras de ordem que a mídia faz circular apontam para o que devemos acreditar, para o que temos a obrigação de abraçar. Apela para um comportamento que legitime a importância do que ela nos diz. Nesse sentido, Deleuze ensina que a informação é o próprio sistema de controle e que

Um controle não é uma disciplina. Com uma estrada não se enclausuram pessoas, mas, ao fazer estradas, multiplicam-se os meios de controle. Não digo que esse seja o único objetivo das estradas, mas as pessoas podem trafegar até o infinito e “livremente”, sem a mínima cláusula, e serem perfeitamente controladas (Deleuze, 1987, p. 12).

O cinema aparece na virada do século XIX para o século XX, junto com o crescimento das metrópoles, das tecnologias comunicacionais e dos transportes. É uma sociedade atravessada por um processo de aceleração que abrirá espaço, justamente, para uma supervalorização do instante e para o presente eterno e efêmero (Vieira Júnior, 2007). Por um lado, a ênfase é no *aqui e agora*; por outro, esse presente experimenta uma velocidade tal que faz com que as coisas sucedam uma à outra muito rapidamente. São efeitos próprios de uma sociedade atravessada pelas novas tecnologias e pelas palavras de ordem de um consumo voltado, cada vez mais, para a obsolescência programada a curtíssimo prazo. O cinema tradicional, enquanto mídia e veículo de palavras de ordem, produz e reproduz esses discursos, fabricando modos de vida e determinando uma certa hierarquia de importância e de verdade.

O cinema deve ser analisado a partir do contexto no qual está inserido: a contemporaneidade. Aliás, esse é o propósito deste texto. Nesse sentido, é importante destacar que a Sociedade de Controle alia-se a um dispositivo de segurança que insere um dado fenômeno em uma série de acontecimentos prováveis e, “em vez de instaurar uma divisão binária entre o permitido e o proibido, vai-se fixar de um lado uma média considerada ótima e, depois, estabelecer os limites do aceitável, além dos quais a coisa não deve ir” (Foucault, 2008, p. 9). Aqui destacamos a importância das palavras de ordem postas em circulação nos filmes elegidos para análise. Elas indicam modos de vida de certa forma já previstos pelo tipo de poder inerente à sociedade contemporânea: o biopoder. Mas é importante também lembrar que as tecnologias disciplinares não deixam de participar desse quadro – elas ajudam a fazer funcionar os mecanismos de segurança.

Na sociedade atravessada pelo biopoder, é preciso regularizar as séries de acontecimentos em um ambiente volátil – o *meio*. A ação, a distância de um corpo sobre outro nesse “meio” evidencia o problema de circulação e causalidade inerente à sociedade do biopoder:

o meio aparece como um campo de intervenção em que, em vez de atingir os indivíduos como um conjunto de sujeitos de direito capazes de ações voluntárias – o que acontecia no caso da soberania –, em vez de atingi-los como uma multiplicidade de organismos, de corpos capazes de desempenhos, e de desempenhos requeridos como na disciplina, vai-se procurar atingir precisamente uma população (Foucault, 2008, p. 28).

É essa população que colocará em funcionamento as verdades difundidas pelas palavras de ordem próprias da comunicação ou do sistema de controle. Seguindo essa linha de argumentação, Lazzarato (2006) aponta que o que interessa ao poder, mais do que encerrar a multiplicidade – já que ela vaza pelas bordas de qualquer muro –, é modular. Nesse sentido, o autor ressalta que desde o final do século XIX entramos na era dos públicos e que o problema tornou-se manter juntas as subjetividades que agem a distância, em um espaço irrestrito. É por isso que as relações de poder, na era da informação, se expressam na ação a distância; é por isso também que a integração das novas forças se deve às novas instituições que envolvem a capacidade (mediatizada e aprimorada pela tecnologia) de afetar e de ser afetado. É dessa maneira que lemos os grandes slogans de preservação do meio ambiente e de redenção planetária: a mídia (seja por

meio de propaganda
apela para um consumo
vida.

A intensificação
mecanismos de controle
diferença desta prática
agora, ele estende-se
modulação. O caráter
de sociedade, produzindo
desejos humanos e
como uma das principais
“o marketing é agente
O homem confundido
endividado, personificado

Curiosamente, a
apelos ao consumo de
de máquina imperiosa
império se alia à comun
lógica que revela-se um
irrestrito e preservação
e visualizamos em filmes
e manchetes jornalístic
engendra-se tanto o mar
típica aliança forjada no
A máquina

vida porque, além de
legítima grandes verda
modernistas gostariam
longe de eliminar narra
(em particular, narrativ
próprio poder”. (Harit

A produção biopoder
contemporânea: produ
econômico e o cultural
poder se exerce em nível
contexto, a mídia é uma
poder no império indic
através da adoção de pa

O cinema deve ser analisado a partir do contexto no qual está inserido: a contemporaneidade. Aliás, esse é o propósito deste texto. Nesse sentido, é importante destacar que a Sociedade de Controle alia-se a um dispositivo de segurança que insere um dado fenômeno em uma série de acontecimentos prováveis e, “em vez de instaurar uma divisão binária entre o permitido e o proibido, vai-se fixar de um lado uma média considerada ótima e, depois, estabelecer os limites do aceitável, além dos quais a coisa não deve ir” (Foucault, 2008, p. 9). Aqui destacamos a importância das palavras de ordem postas em circulação nos filmes elegidos para análise. Elas indicam modos de vida de certa forma já previstos pelo tipo de poder inerente à sociedade contemporânea: o biopoder. Mas é importante também lembrar que as tecnologias disciplinares não deixam de participar desse quadro – elas ajudam a fazer funcionar os mecanismos de segurança.

Na sociedade atravessada pelo biopoder, é preciso regularizar as séries de acontecimentos em um ambiente volátil – o *meio*. A ação, a distância de um corpo sobre outro nesse “meio” evidencia o problema de circulação e causalidade inerente à sociedade do biopoder:

o meio aparece como um campo de intervenção em que, em vez de atingir os indivíduos como um conjunto de sujeitos de direito capazes de ações voluntárias – o que acontecia no caso da soberania –, em vez de atingi-los como uma multiplicidade de organismos, de corpos capazes de desempenhos, e de desempenhos requeridos como na disciplina, vai-se procurar atingir precisamente uma população (Foucault, 2008, p. 28).

É essa população que colocará em funcionamento as verdades difundidas pelas palavras de ordem próprias da comunicação ou do sistema de controle. Seguindo essa linha de argumentação, Lazzarato (2006) aponta que o que interessa ao poder, mais do que encerrar a multiplicidade – já que ela vaza pelas bordas de qualquer muro –, é modular. Nesse sentido, o autor ressalta que desde o final do século XIX entramos na era dos públicos e que o problema tornou-se manter juntas as subjetividades que agem a distância, em um espaço irrestrito. É por isso que as relações de poder, na era da informação, se expressam na ação a distância; é por isso também que a integração das novas forças se deve às novas instituições que envolvem a capacidade (mediatizada e aprimorada pela tecnologia) de afetar e de ser afetado. É dessa maneira que lemos os grandes slogans de preservação do meio ambiente e de redenção planetária: a mídia (seja por

meio de propaganda
apela para um consumo
vida.

A intensificação
mecanismos de controle
diferença desta prática
agora, ele estende-se
modulação. O caráter
de sociedade, produzindo
desejos humanos e
como uma das principais
“o marketing é agente
O homem confrontado
endividado, personificado

Curiosamente, a
apelos ao consumo de
de máquina imperialista
império se alia à comun
lógica que revela-se um
irrestrito e preservação
e visualizamos em filmes
e manchetes jornalístic
engendra-se tanto o mar
típica aliança forjada na

A máquina imp
vida porque, além de
legítima grandes verda
modernistas gostariam
longe de eliminar narra
(em particular, narrativ
próprio poder”. (Harit

A produção biop
contemporânea: produ
econômico e o cultural
poder se exerce em nível
contexto, a mídia é uma
poder no império indici
através da adoção de pa

meio de propagandas, publicidade, jornais, revistas, cinema ou televisão) apela para um comportamento que legitime o discurso da preservação da vida.

A intensificação do poder disciplinar e a democratização dos mecanismos de comando caracterizam a Sociedade de Controle. A diferença desta para a Sociedade Disciplinar é o alcance do controle: agora, ele estende-se para fora das instituições sociais, funcionando por modulação. O caráter provisório e o eterno presente caracterizam esse tipo de sociedade, produtora de novas subjetividades e necessidades, novos desejos humanos e sensações. Deleuze aponta o fenômeno do consumismo como uma das principais marcas dessa sociedade e, por isso, afirma que “o marketing é agora o instrumento de controle social” (2006, p. 224). O homem confinado, marca do poder disciplinar, dá lugar ao homem endividado, personagem-chave na sociedade de controle.

Curiosamente, o discurso ecológico aparece em meio a incontáveis apelos ao consumo desenfreado. É nesse sentido que lembramos do conceito de máquina imperial-midiática proposto por Hardt e Negri (2006). O império se alia à comunicação e cria a ilusão do consenso, dotando-a de uma lógica que revela-se uma quimera. Não há aliança possível entre consumo irrestrito e preservação ambiental. Mas o que diariamente ouvimos, lemos e visualizamos em filmes com temáticas ambientais, chamadas publicitárias e manchetes jornalísticas é exatamente esse inusitado casamento. Assim engendra-se tanto o sujeito ecológico quanto o sujeito consumidor, numa típica aliança forjada no capitalismo flexível.

A máquina imperial-midiática convive com vários estilos de vida porque, além de já prevê-los para melhor controlá-los, reproduz e legitima grandes verdades: “Ao contrário do que muitos relatos pós-modernistas gostariam que acontecesse, entretanto, a máquina imperial, longe de eliminar narrativas principais, na realidade produz e reproduz (em particular, narrativas principais ideológicas) para validar e celebrar o próprio poder”. (Hardt; Negri, 2006, p. 53).

A produção biopolítica (Hardt; Negri, 2005) é a marca da sociedade contemporânea: produz a própria vida social, em que o político, o econômico e o cultural se sobrepõem e se complementam. É por isso que o poder se exerce em níveis que ultrapassam o Estado e seus aparelhos. Nesse contexto, a mídia é uma ferramenta particularmente eficaz. O exercício do poder no império indica a ausência de fronteiras, governando a vida social através da adoção de palavras de ordem muitas vezes estranhas às práticas